

ESTRATÉGIAS DE INCENTIVO À LEITURA: UMA PROPOSTA DA GESTÃO PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

Leila Cristina do Nascimento*

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre a eficácia de uma proposta de incentivo à leitura a partir da gestão, para ser trabalhada com alunos do ensino fundamental. Este trabalho foi baseado em uma sugestão elaborada por Wanderely Giraldo (GERALDI, 1984) que apresenta métodos alternativos para desenvolver o trabalho com a leitura em sala de aula que, em meu entender, constitui-se como importante instrumento que auxilia no desenvolvimento da capacidade leitora e escritora do aluno. O trabalho constitui uma proposta de prática de leitura com base em estratégias de leitura/releitura/ressignificação a ser trabalhada com alunos do Ensino Fundamental II. O trabalho que teve como pressupostos metodológicos os da pesquisa qualitativa, que objetivou refletir sobre uma intervenção pedagógica. Este estudo, que se caracterizou como um trabalho de natureza interventiva, por reconhecer a importância da leitura e sentir a necessidade de incentivar a formação do hábito de ler nos alunos pertencentes à faixa etária que está matriculada no fundamental II.

Palavras-Chaves: Leitura; Gêneros Textuais; Gestão; Ensino-Aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

A escola atual convive numa multiplicidade de culturas em que crianças e adolescentes interagem. Para Luiz Antônio Marcuschi (2002) essa pluralidade de significações constitui universos heterogêneos que exige habilidade para produzir compreensão. Para esse teórico, perceber as relevâncias que os “outros” trazem à escola, o educador pode assumir uma posição de abertura. Nessa perspectiva, o mundo é composto de textos. Todo texto pertence a um determinado gênero, como uma

*Mestra em Ciências da Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales. Asunción-PY. Contatos: E-mail: lcnascimento29.ln@gmail.com Tel: (91) 99284-0951.

forma própria, que se pode aprender, quando entram na escola, “os textos que circulam socialmente cumprem um papel modelizador, servindo como fonte de referência, repertório textual, suporte da atividade intertextual. A diversidade textual que existe fora da escola pode e deve estar a serviço da expansão do conhecimento letrado do aluno”. (BRASIL, PCN, 1997, p. 23).

O indivíduo, na convivência, traz sua história e incorpora algo das vivências alheias. A intertextualidade, portanto, é uma constante. Segundo Ingedore Koch (1997) “qualquer criação humana pauta-se na recriação de outro dizer.” Se aproveitadas com eficácia, as interferências sociais apontam para a percepção de que a sala de aula propulsiona conquistas. O desejo que impulsionou o trabalho foi o mesmo de um ensino direcionado à vida.

De acordo com Kleiman (1993), produzir bons leitores é um grande desafio para a escola em todas as partes do mundo. Conforme argumenta a estudiosa, do Ensino Fundamental à Universidade, professores se queixam que a maioria dos alunos lê mal e não sabe usar os livros para estudar.

Concordando com a autora citada acima, pode-se concluir que um dos grandes desafios para nós professores, que desejamos reverter este quadro negativo, consiste, dentre outros aspectos pertinentes para esta questão, em encontrar propostas alternativas ao tradicionais métodos utilizados com frequência para o ensino da leitura que sejam significativos no que se refere a promover nos alunos a capacidade reflexão e crítica demandada, pelos documentos oficiais dos professores durante e após a realização de seu trabalho pedagógico.

Interagimos com a concepção de que a Língua Portuguesa integra várias áreas do saber. Como especificidade, enfocamos textos descritivos e narrativos e oferecemos espaços para que a vida de cada um estivesse em evidência. Afinal, os textos repercutem no interior, e a personalidade impulsiona escritos reveladores.

Ao recepcionarmos os textos, tivemos a convicção de que o “ensino em gavetas” não se justifica. A educação é um intertexto.

As aulas de produção textual precisam de respaldo teórico e orientação adequada à aplicação em sala de aula. Se o aluno receber atendimento às necessidades sociais, poderá perceber de forma mais positiva o valor da leitura e da produção textual.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho, ao utilizar a proposta elaborada pelo linguista João Wanderley Geraldi, professor do Instituto de estudos da linguagem da UNICAMP, para o trabalho com a leitura na escola, constitui em compreender a influência das ações propostas por este estudioso nas práticas de leitura.

O trabalho constitui uma proposta de prática de leitura com base em estratégias de leitura/releitura/ressignificação a ser trabalhada com alunos do Ensino Fundamental II. O trabalho que teve como pressupostos metodológicos os da pesquisa qualitativa, consistiu em um estudo de caso único que objetivou refletir sobre uma intervenção pedagógica.

Esta proposta é desafiadora porque lida com um gênero não usual à prática escolar. Contudo, os apontamentos deste estudo demonstram que a aplicação de teoria compatível a um ensino embasado em pressupostos da Linguística Textual pode fazer com que o aluno se comporte de modo diferenciado ao lidar com o funcionamento dos mecanismos linguísticos nas produções textuais. Daí a importância de investir em teorias e práticas mais funcionais a um ensino que tem como meta ampliar a capacidade argumentativa entre os educandos, o que justifica esta investida compreendida como uma forma de lidar com a resignificação, mas que também pode servir para trabalhos com textos dos mais variados gêneros.

Espera-se contribuir com as seguintes questões nesta pesquisa: refletir acerca da importância do uso de gêneros textuais em Sequência Didática como estratégias de incentivo à leitura e escrita, implementando também a prática docente. Quanto aos elementos metodológicos aplicados na pesquisa contribuir, ainda que de forma incipiente, a quem interessar se debruçar no tema e buscar novos caminhos para o ensino de leitura e escrita. Por fim incentivar por meio deste estudo a pesquisa e a divulgação de estratégias que venham ao encontro das necessidades de professores da educação básica, de modo que colabore para o conhecimento no meio acadêmico.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ler não significa só ver as letras do alfabeto e juntá-las em palavras. Este ato, segundo Freire (1982), vai muito além da mera decodificação, compreende reflexão

sobre o objeto lido e suas condições de produção. A aprendizagem da leitura, sempre se apresenta intencionalmente como algo mágico, senão alto, enquanto processo da descoberta de um universo desconhecido e maravilhoso. (KOCH; ELIAS, 2010).

Parodiando Paulo Freire, pode-se dizer que ninguém produz e compreende um texto sozinho, a compreensão e a produção textual são processos dialógicos, conforme argumenta Bakhtin (1992), sempre recorremos a textos de outros (ouvidos ou lidos anteriormente ao ato de produção/compreensão textual) para escrevermos e compreendermos os textos que produzimos e compreendemos. Poderíamos dizer, levanto em conta as ideias de Freire e Bakhtin, que ninguém ensina ninguém a ler, todavia o aprendizado da leitura enquanto atividade realizada por um indivíduo é uma atividade coletiva, pois compreende o diálogo do aprendiz com os textos que usa para escrever/compreender textos mediado pelo(a) professor(a). O aprendizado da leitura se desenvolve na convivência com os outros e com o mundo naturalmente!

A leitura, em sentido amplo, como proposto neste trabalho, é importante em todos os níveis Educacionais. Portanto, seu ensino deve ser iniciado no período da alfabetização e continuado nos diferentes graus de ensino. Ela constitui-se numa importante forma de interação usada pelas pessoas de qualquer área do conhecimento para buscar maior compreensão a respeito das temáticas por elas estudadas. É uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento, está intimamente ligada ao sucesso do ser que situa-se com os outros. Possibilita a aquisição de diferentes pontos de vista e alargamento de experiências para os sujeitos que a vivenciam, tendo em vista que o livro ainda é fundamental em todas as culturas. Através do hábito da leitura, o homem pode tomar consciência das suas necessidades (auto educar-se), promovendo a sua transformação e a do mundo.

Embora seja importante e, pode-se dizer, indispensável, a leitura tem sido historicamente um privilégio das classes dominantes. A sua apropriação pelas classes populares pode significar não apenas o domínio de um instrumento imprescindível não só para a elaboração de sua cultura, mas também a transformação de suas condições sociais. (SOARES, 2003).

Por isso é importante favorecermos a familiaridade das crianças com as histórias e a ampliação de seu repertório. Isso só é possível por meio de um contato regular dos

pequenos com os textos, realizado, com a mediação da escola e da família, desde cedo e de sua participação frequente em situações diversas de contato com a leitura. Sabe-se que os professores são os principais agentes na promoção dessa prática e a escola o principal espaço para seu desenvolvimento. Todavia, nem sempre o professor se sente confortável na tarefa de fomentar e desenvolver nos alunos o gosto pela leitura. Uma das causas deste desconforto pode estar relacionada ao pouco conhecimento que ele possui de boas propostas para o trabalho com a leitura. Neste sentido, levando em conta os resultados obtidos que serão apresentados posteriormente. Este estudo também objetivou contribuir para a divulgação da proposta de Geraldi (1984).

Indubitavelmente, é preciso saber ler, ler muito e ler bem. Considerando apropriações de estudos realizados com o intuito em aperfeiçoar o hábito de leitura, elencamos alguns aspectos e/ou habilidades que julgamos pertinentes, nesta perspectiva:

1º - Ler com objetivo determinado, isto é ter uma finalidade. Saber por que se está lendo;

2º - Ler unidades de pensamento e não palavras por palavras. Relacionar ideias;

3º - Ajustar a velocidade (ritmo) da leitura ao assunto, tema e/ou texto que está lendo; 4º - Avaliar o que se está lendo, perguntando pelo sentido, identificando a ideia central e seus fundamentos;

5º - Aprimorar o vocabulário esclarecendo termos e palavras "novas".

O dicionário é um recurso significativo. No entanto, palavras-chave analisadas no contexto do próprio assunto em que são usadas, facilitam a compreensão;

6º - Adotar habilidades para conhecer o livro, isto é, indagar pelo que trata determinada obra;

7º - Saber quando é conveniente ou não interromper uma leitura, bem como quando retomá-la;

8º - Discutir com colegas o que lê, centrando-se no valor objetivo do texto, visto que "o diálogo é a condição necessária para a indagação, para a intercomunicação, para a troca de saberes [...]" (ECCO, 2004, p. 80).

9º - Adquirir livros que são fundamentais (clássicos), zelando por uma biblioteca particular, assim como, frequentar espaços e ambientes que contenham acervo literário, por exemplo, bibliotecas;

10º - Ler assuntos vários. Não estar condicionado a ler sempre a mesma espécie de assunto;

11º - Ler muito e sempre que possível;

12º - Considerar a leitura como uma atividade de vida, não desenvolvendo resistências ao hábito de ler.

É fundamental compreender que, na formação de cada cidadão bem como de um povo, a leitura é de máxima importância, representando um papel essencial, pois se revela como uma das vias no processo de construção do conhecimento, como fonte de informação e formação cultural. Ademais, ler é benéfico à saúde mental, pois é uma atividade Neuróbica. A atividade da leitura faz reforçar as conexões entre os neurônios. Para a mente, ainda não inventaram melhor exercício do que ler atentamente e refletir sobre o texto.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), um documento elaborado por especialistas das diversas áreas do conhecimento, de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que Angelina Quinalia Ramires e Mariângela Spotti Lopes Fujita Bibl. Esc. em R., Ribeirão Preto, v. 8, n. 1, p. 64-83, 2022.

Todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, com o intuito de oferecer uma base para toda a educação básica brasileira, o Eixo Leitura.

Compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (BRASIL, 2013) que norteiam os rumos a serem tomados pelas escolas manifestam a importância à literatura infantil : “ as diretrizes estabelecem que se “ possibilitem às crianças experiências de narrativa, apreciação e interação com a linguagem oral e escrita e o convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais ou escritos” Para tanto é necessário que o professor atue como leitor mostrando que a leitura pode cumprir diversas funções como informar, instruir ou divertir em diversas situações de roda de leitura, dramatizações de histórias, contações.

A presença de um professor que se envolva em atividades de pesquisa e leitura e incentive os seus alunos a frequentarem a biblioteca aumenta o desempenho em Português em até 7 pontos na escala do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), o que representa 63% de um ano de aprendizado. Também existe uma correlação alta e positiva do indicador com o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), equivalente a duas vezes o que o Brasil cresceu em termos de IDEB de 2015 a 2017.

Sabemos que a escola é vista como um espaço social e cultural de extrema importância para a humanização das gerações mais jovens, em que é preciso introduzidas na herança de saberes discursivos e simbólicos, que são impostos pela sociedade, além de capacitá-los a reproduzir e transformar essa herança quando necessário. De acordo com Pulline Moreira (2008, p. 232), a escola para a formação e transformação do indivíduo que nela está envolvida, principalmente alunos e professores.

Atualmente a leitura está presente em todos os lugares, para qualquer idade e diferentes classes sociais, lemos em revistas, receitas, panfletos, outdoors, livros, ônibus, etc. De acordo com Rooco (2013, p. 41) “O leitor contemporâneo e a leitura que hoje se faz têm perfiz diferentes daqueles com que idealmente a escola vem trabalhando há décadas”.

O prazer de ler é a força que impulsiona e faz permanecer viva a leitura, pois está presente no espaço social. Por isso é importante entendermos as funções e papéis que a escola desempenha. Segundo Rooco (2013, P. 41):

“A escola, sem dúvida, trabalha com muitas das interfaces. Há o ler que prioritariamente se detém na busca de informação. Há o ler cuja natureza é puramente funcional. É há o ler do produto ficcional-que deveria ser fonte de grande prazer para os estudantes, mas que, ao contrário, acaba por se constituir em desagradável exercício de coerção, momento em que melhor se evidenciam o autoritarismo e a extemporaneidade que vêm marcando boa parte de nosso sistema escolar. E é nesse momento que se anulam as possibilidades de fruição da leitura (ROOCO, 2013, p. 41):

Isso acontece porque, na maioria das vezes, a escola formal acaba por ignorar a passagem de tempo e as novas visões de mundo. É importante se ajudam a construir ao se propor um trabalho na escola pensado para abranger essa área. Geralmente o aluno não suporta ler na escola, isso não ocorre pelo fato dele não gostar de ler, mas simplesmente porque os textos não são de seu interesse, não despertando prazer no momento da leitura, além de ter que ler por exigência de uma avaliação, de ter que responder questões pouco interessantes, etc. Sendo assim, de acordo com Rocco (2013, p. 42).

O acompanhamento da família na vida escolar das crianças é muito importante, pode contribuir com o processo educativo de toda a comunidade escolar, pois a família também constitui dimensão social e deve compreender que a educação começa em casa.

Os primeiros passos para se obter a aprendizagem originam-se na família. Contudo, a partir do desenvolvimento da linguagem, a criança começa a obter o seu conhecimento próprio. Strick e Smith (2001) ressaltam que o ambiente doméstico exerce um importante papel para determinar, se qualquer indivíduo aprende bem ou mal por que é neste ambiente que se tem as primeiras informações de vida. É aí que as crianças recebem carinho e disciplina que, durante toda a vida, desenvolvem atitudes, tanto sobre a aprendizagem quanto pessoais.

Assim como os professores, os pais querem o melhor para seus filhos, pensam num futuro com mais oportunidades de serem felizes e de se realizarem na vida profissional e pessoal.

3. CONCLUSÃO

A gestão escolar constitui uma das áreas de atuação profissional na educação destinada a realizar o planejamento, a organização, a liderança, a orientação, a mediação, a coordenação, o monitoramento e a avaliação dos processos necessários à efetividade das ações educacionais orientadas para a promoção da aprendizagem e formação dos alunos (LÜCK, 2009, p. 23).

O gestor escolar tem papel fundamental no processo de construção da cidadania de todos aqueles que fazem parte da comunidade escolar, pois o mesmo deve e pode incentivar os professores a realizarem atividades diversificadas para que seus educandos se sintam motivados.

O gestor escolar pode organizar reuniões com os demais profissionais, para que todos possam sugerir novas ideias de como melhorar o acesso, a socialização e a produção do conhecimento entre os profissionais e os alunos da escola, colocando o conhecimento, como o centro da atividade pedagógica. Pretende-se, assim, desenvolver ao máximo o potencial dos profissionais da escola e promover diálogos abertos com os interessados, dando ciência de todas as propostas de ações, qualificando-os para a tomada de decisões e para a geração de conhecimento mais elaborado.

Trabalho em conjunto além de melhorar a qualidade do ambiente da escola, cria condições necessárias ao ensino e a aprendizagem dos alunos.

Um gestor que trabalha em conjunto e que busca ouvir a opinião dos demais é bem aceito e respeitado na escola, pois os alunos, professores e funcionários não sentem medo de conversar e contar seus problemas ao mesmo e o procuram sempre que precisam para saber sua opinião e buscam ajuda para resolver seus problemas.

Numa escola onde o gestor se preocupa com o bem estar de todos, o ambiente é bem mais descontraído, as ações são bem mais planejadas, há troca de ideias, as ações pedagógicas promovem a aprendizagem dos educandos e o desenvolvimento pessoal do professor. Considerando o conhecimento adquirido a partir de discussões durante toda a minha vida acadêmica, passei a dar mais importância às práticas pedagógicas no que diz respeito às relações existentes entre teoria e prática, uma vez

que esta dicotomia constitui os pilares que sustentam um projeto de promoção do ensino e aprendizagem. Adotando essa visão, a qualidade do trabalho com os gêneros textuais reside não somente no texto em si, mas nos modos de compreensão e de apropriação que se constroem a partir dele. A arte de contar histórias e ressignificá-las constitui uma experiência de apropriação do texto literário com o potencial de gerar um encontro entre o leitor e a narrativa, marcado pela palavra emocionalmente confiada e sentida. Foi baseando-se nessa argumentação e considerando a importância que a leitura exerce na formação do leitor cidadão, ao final deste trabalho percebeu-se que há muito a ser mudado com relação à leitura, sendo assim este estudo não se esgota por aqui, porém é um início para uma reflexão.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M.T de. Ensino de Português: Leituras, Fundamentos, percursos, objetos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BANBERG.R. Como incentivar o hábito de leitura. São Paulo: Ática, 1995.

BAKHTIN, M. Os Gêneros do Discurso. In: M. Bakhtin, Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. Estética de la creación verbal. 4ª.ed., México, Siglo Veintiuno Editores. 1998.

BARONE, L. M. C. De ler o desejo ao desejo de ler. Petrópolis, RJ: Vozes,1993.

BRASIL. Ministério da educação. Plano Nacional de Educação. PNE/Ministério da Educação. Brasília:Inep, 2001.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, MEC, 2007.

_____.MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Parâmetros Curriculares Nacionais, Brasília: MEC, 1997.

BRONCKART, J. P. Atividade de linguagem, textos e discursos: Por um interacionismo sócio-discursivo (A. R. Machado & P. Cunha, Trad.) (pp.217-257). São Paulo:EDUC, 1988.

CAGLIARI, Luis Carlos. Diante das Letras: a escrita na alfabetização. Campinas: mercado das Letras; ALB, 1989.

_____. Alfabetização &Linguística – editora Scipione - 10º edição – São Paulo, 2005.

FERREIRO, Emília. Alfabetização em Processo. 15ª Ed. São Paulo: Cortez, 2004.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler em três artigos que se completam. Campinas: Editores Associados, 2003.

_____. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.
São Paulo, ed. Paz e Terra, 1982.

_____. Professora sim, tia não, São Paulo, ed. Olho d'Água, 1989.

GERALDI, João Wanderley (ORG). O texto na sala de aula: Leitura & Produção.
Cascavel-PR, ed. Assoeste, 1984

_____, "Subsídios metodológicos para o ensino da língua portuguesa", "Cadernos da Fidene", n.18, 1996.p.70.

HOLANDA, Chico Buarque. "Teresinha".In: Poesia fora da estante. V.2. coord.de Vera Aguiar. Porto Alegre: Projeto, 2002.

JARDIM, Mara Ferreira. Critérios para análise e seleção de textos de literatura infantil.
In: SARAIVA, Juracy Assman (Org.). Literatura e Alfabetização: do plano do choro ao plano da ação. Porto Alegre: ArtMed, 2000. cap. 9.

KLEIMAN, Ângela. Oficina de Leitura: teoria e prática, São Paulo, ed. Unicamp, 2004.

_____. Leitura: ensino e pesquisa, São Paulo, ed. Pontes, 2001.

_____. Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura, São Paulo, ed. Pontes 2002.

_____. Oficina de leitura: teoria & prática, São Paulo, ed. Pontes, 1993.

KOCH, I. V. A interação pela linguagem (5ª ed.). São Paulo: Contexto, 1997.

_____. O texto e a construção dos sentidos. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2006b.

KOCH, I.G.V; ELIAS, V. M. Ler e compreender: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2010a.

KOCH, I. G.V. ; TRAVAGLIA, L. C. A coerência textual (13ª ed.). São Paulo: Contexto, 2001.

LACERDA, Maria do Pilar Assessoria de imprensa SEB/MEC,2003e. In. cesar.oliveira@mec.gov.br (61) 2022-8321.

MAGRO, M.C. Estudar também se aprende. São Paulo; EPU,1979.

MARCUSCHI, L.A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In; Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucena, 2002.

_____. Leitura como processo inferencial num universo cultural cognitivo.

Leitura: Teoria e Prática. Rio de Janeiro: Lucena, 1986.

_____. O processo inferencial na compreensão de textos. Relatório Final apresentado ao CNPq. Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística. Centro de artes e comunicação. UFPE, Recife, 1996.

MARTINS, Maria Helena. (Org). Questões de linguagens. São Paulo. Contexto, 1988.

_____.(Coleção Repensando o Ensino). Leitura em perspectiva, Contexto, 1994.

_____. “Formação inicial de Professores para a Educação Básica: uma (re)visão radical”, São Paulo em Perspectiva, 2004. v. 14, nº 1, pp. 98-110.

MELO, Veríssimo de. Folclore Infantil. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985, p.202

MOREIRA, Edma. Tradição em Tempos de modernidade: reprodução social numa Comunidade varzeira do rio Xingu/PA Belém: EDUFA, 2008.

PERRENOUD, P. Construir as competências desde a escola. Porto Alegre: ArtMed, 1999).

SILVA, E. T. O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura (7ª ed.). São Paulo: Cortez, 1996.

_____. Conferências sobre leitura - trilogia pedagógica. Campinas-SP:

Autores Associados, 1987a.

SOARES, Magda. Linguagem e Escola, Editora Ática, 15ª edição, São Paulo, 1997.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. Porto Alegre: Artmed, 1998.

STRICK, C e SMITH, L: Dificuldade de aprendizagem A e Z um guia completo para pais e educadores. Porto Alegre. 2001.

TODOROV, Tzvetan. A literatura em perigo. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007.

VENEZA, Maurício. Chapeuzinho Vermelho do jeito que o lobo contou. São Paulo: Editora Compor, 1999.

VIEIRA, João Batista. Araújo. Alfabetização de crianças e adultos: novos Parâmetros. Belo Horizonte: Alfabeto educativo, 2004.